



Dissonância

revista de teoria crítica

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica

Título	A urgência da revolução em meio ao seu fracasso. Resenha de <i>A revolução é freio de emergência: Ensaios sobre Walter Benjamin</i> (2019), de Michael Löwy
Autor	Rodnei Nascimento
Fonte	<i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , v. 5, Campinas, 2021
Link	https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/workflow/index/4457

Formato de citação sugerido:

NASCIMENTO, Rodnei. “A urgência da revolução em meio ao seu fracasso. Resenha de *A revolução é freio de emergência: Ensaios sobre Walter Benjamin* (2019), de Michael Löwy”. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v. 5, Campinas, 2021, p. 630-638.

A URGÊNCIA DA REVOLUÇÃO EM MEIO AO SEU FRACASSO

Rodnei Nascimento*

Resenha de *A revolução é freio de emergência: Ensaios sobre Walter Benjamin*, de Michael Löwy (Trad. Paolo Colosso. São Paulo: Autonomia Literária, 2019. 153p.).

Nos ensaios reunidos neste volume, Michael Löwy, consagrado pesquisador do pensamento revolucionário, busca, uma vez mais, decifrar as complexas relações do pensamento de Walter Benjamin com o marxismo, o messianismo judaico, o anarquismo e o romantismo anticapitalista. Juntamente com diversos outros estudos já publicados, são o resultado de um programa de pesquisa que remonta ao final dos anos 1970, cujo objetivo mais amplo é compreender a evolução intelectual e política do filósofo alemão. Neste volume em particular, como nos deixa perceber o título, o fio condutor de suas análises é dado pela ideia de revolução como freio de emergência. Pensar a possibilidade, e muitas vezes a impossibilidade, de uma revolução social anticapitalista tem sido a tarefa que acompanha o autor desde a sua primeira publicação – *A teoria da revolução no jovem Marx* – e constitui, sem dúvida, o pano de fundo de sua já extensa produção teórica.

* Rodnei Nascimento é professor adjunto de filosofia na Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP. Contato: rodneianascimento@gmail.com

A perspectiva de leitura assumida aqui é, portanto, claramente política, sem que isso signifique obviamente a intenção de reduzir a um único foco de interesse um pensamento reconhecido por suas múltiplas faces. Isso porque, que o leitor não se deixe enganar, a política é tomada aqui no sentido amplo, como aquilo que diz respeito às lutas dos oprimidos, à memória dos vencidos ou à redenção dos antepassados, e como tal atravessa, de maneira explícita ou não, todas as reflexões benjaminianas. E, sobretudo, porque, para Löwy, essa perspectiva não é uma escolha arbitrária, que poderia ser tomada entre outras quaisquer, seja estética, filosófica, literária etc. Não é simplesmente uma questão de enfatizar este ou aquele aspecto do pensamento do filósofo, mas de abordá-lo por um ângulo que ilumina o que é lhe essencial: seu caráter subversivo, revolucionário e insubmisso, ou seja, tudo aquilo que faz de Walter Benjamin um personagem singular no universo cultural do século XX.

Ao longo dos nove capítulos que compõem o livro, o maior desafio que se impõe ao autor é explicar o modo de funcionamento daquilo que ele mesmo denomina a “alquimia filosófica” de Benjamin: uma fusão inusitada de tradições intelectuais aparentemente conflitantes e que convergem para a ideia de revolução como freio de emergência da catástrofe capitalista. Por isso que, embora cada capítulo, às vezes mais de um, esteja voltado ao esclarecimento de cada um desses elementos em particular, o que percebemos de fato é que todos comparecem ao mesmo tempo em cada texto analisado. Se a questão do surrealismo, por exemplo, é tratada num capítulo à parte, esta não deixa compreender, contudo, se não convocamos seu romantismo revoluci-

onário, o marxismo etc. Essa estratégia deixa claro, de resto, que não interessa ao autor as polêmicas sobre o caráter mais ou menos materialista de Benjamin, mais ou menos teológico ou libertário. Importa-lhe, ao contrário, compreender como as diversas camadas de um pensamento podem operar em unidade para confluir num único e poderoso instrumento de crítica à civilização capitalista.

Assim, os capítulos 1. “O capitalismo como religião – Walter Benjamin e Max Weber”; 3. “As afinidades eletivas – Walter Benjamin e Gershom Scholem” e 7. “Teologia e antifascismo em Walter Benjamin” mostram a importância de uma “hermenêutica teológica” judaica e cristã (p. 109) para a compreensão e denúncia de certos fenômenos sociais e políticos, como o capitalismo e o fascismo (caps. 1 e 7), bem como a relevância do messianismo judaico que atravessa de maneira indelével a reflexão benjaminiana, desde seus textos de juventude até seu derradeiro escrito *Sobre o conceito de História* (cap. 3). Essa dimensão teológica aparece inicialmente associada a um anticapitalismo anarquista e romântico, para num momento posterior unir-se ao materialismo histórico de Marx.

No capítulo 1, a análise do fragmento “O capitalismo como religião”, de 1921, mostra como Benjamin, a partir da sociologia da religião de Max Weber, mas inspirando igualmente pelo estudo de Ernst Bloch, *Thomas Münzer, teólogo da revolução*, avança a tese de que o capitalismo não é apenas uma formação social resultante de uma conduta de vida religiosa, como a protestante, mas que o próprio capitalismo é uma religião. O capitalismo como religião (expressão cunhada por Bloch) se caracteriza pelo culto

incessante ao Deus dinheiro, o qual, sem jamais poder ser interrompido – visto que o impulso de acumulação infinita de valor pelo capital é insaciável – conduz não à expiação, como nas religiões propriamente ditas, mas à sensação permanente de culpa e dívida frente às potestades capitalistas. Neste ponto, emerge a principal diferença de Benjamin em relação a Weber. Enquanto este vê no capitalismo uma jaula de aço contra a qual resta apenas a resignação, aquele, embora reconheça o desespero causado pela necessidade de adoração cotidiana ao dinheiro, vislumbra uma saída deste rito infernal através de um socialismo libertário que “converta” (p. 28) a sociedade atual a um estado de comunhão dos homens entre si e com a natureza.

Do mesmo modo, no capítulo 7, Löwy apresenta um exemplo de interpretação teológica contra o nazi-fascismo e a favor do socialismo revolucionário. É sobretudo num artigo de 1938, *Uma crônica dos desempregados alemães*, que Benjamin compara o Terceiro Reich ao Anticristo, aquele que na tradição judaica é o falso Messias, um impostor que tenta se passar pelo verdadeiro salvador. Já o socialismo é interpretado como “o equivalente da promessa messiânica” de redenção da humanidade. O conceito de Anticristo será encontrado novamente na Tese VI do texto de 1940, *Sobre o conceito de história*. O Messias é identificado à classe proletária, ao passo que o Anticristo é representado pelas classes dominantes. Ou seja, o messianismo judaico se associa ao materialismo revolucionário com vistas a uma crítica teológico-marxista do nazi-fascismo, aliança que foi capturada de uma vez por todas, nas teses de 1940, pela famosa alegoria do autômato jogador de xadrez e do anão que o movimentava.

A maneira inusitada de Benjamin reunir num mesmo pensamento tradições intelectuais aparentemente opostas é objeto também do capítulo 3. Löwy tem a difícil tarefa de explicar a “afinidade eletiva” entre Benjamin e seu amigo de vida inteira Gershom Scholem, os quais compartilhavam do mesmo interesse intelectual pelo romantismo, o messianismo judaico e as utopias libertárias. Ocorre que para Benjamin essa sintonia espiritual não era incompatível com seu interesse pelo marxismo nem o impede de aderir à “práxis política” do comunismo, a partir de 1924 (p.59). Scholem interpreta essa virada como um conflito insolúvel entre um modo de pensar metafísico e outro marxista. Löwy, no entanto, recorre à imagem da face Janus para desfazer essa aparente contradição. Tal como o deus romano que tem duas faces, mas uma única cabeça – adverte ele – “materialismo e teologia, marxismo e messianismo são duas expressões de um pensamento único” (p.61).

Já os capítulos 4. “Walter Benjamin e o anarquismo” e 5. “As núpcias químicas de dois materialismos – Walter Benjamin e o surrealismo” se voltam para a dimensão libertária do pensamento de Benjamin. O capítulo 4 rastreia a presença do anarquismo em diversos momentos do pensamento benjaminiano: o reconhecimento de si mesmo com um pensador anarquista nos escritos de 1914 e 1921, a revalorização da relação mágica com o mundo e da experiência da embriaguez, como elementos revolucionários, no ensaio sobre o surrealismo, de 1929, o “documento marxista-libertário mais importante de Benjamin” (p. 69), e a inspiração anarquista da sua concepção de presente nas teses *Sobre o conceito de história* (p.74). O capítulo 5 explora o mesmo tema,

mas centrado dessa vez no ensaio “O surrealismo: último instante da inteligência europeia”. Benjamin vê no surrealismo a convergência entre dois tipos de materialismo, o dialético e o antropológico, compreendido este como uma espécie de imaginação sem amarras em revolta contra a civilização burguesa em nome de valores pré-capitalistas. É neste artigo que Benjamin melhor define a maneira como pretende fundir as experiências libertárias do surrealismo com o marxismo ao se referir a si mesmo como o “observador alemão”, situado numa posição “infinitamente arriscada entre a contestação anarquista e a disciplina revolucionária” (p.84).

Finalmente, os capítulos 2. “Um materialismo histórico com estilhaços românticos – Walter Benjamin e Karl Marx”; 6. “Cidade, lugar estratégico do conflito de classes – insurreições, barricadas e haussmannização de Paris nas Passagens” e 9. “A revolução é o freio de emergência – atualidade político- ecológica de Walter Benjamin” examinam o tipo singular de marxismo construído por Benjamin, interessado mais na luta de classes e na revolução social do que nas “leis” de funcionamento do capitalismo, assim como na assimilação da crítica romântica da sociedade burguesa ao materialismo histórico.

Os capítulos 2 e 9 podem ser tomados em conjunto, visto que as questões de que se ocupam estão intimamente vinculadas: a crítica da ideologia do progresso, de inspiração romântica (cap. 2), e a ideia de revolução como freio de emergência do curso da história (cap.2). Esta última é uma decorrência direta da primeira. Esses capítulos podem ser considerados também os mais centrais do livro, na medida em que essas duas questões evocam os demais

elementos do pensamento benjaminiano, um tempo messiânico carregado, o caráter libertário do marxismo contra o marxismo oficial e a própria importância do romantismo revolucionário.

A crítica do progresso, presente já nos escritos de juventude como “A vida dos estudantes”, de 1915, é direcionada contra aquelas concepções da história que pressupõem um tempo homogêneo e vazio, no qual os acontecimentos transcorrem sempre iguais a si mesmo ou de maneira sempre previsível. Depois de sua aproximação ao marxismo revolucionário, sua crítica passa a mirar mais precisamente o marxismo evolucionista da social democracia alemã. Em ambos os casos, pressupõe-se uma concepção messiânica do tempo na qual cada instante do presente é portador de uma possibilidade revolucionária, que pode eclodir a qualquer momento. Agora, no entanto, irá contrapor às falsas concepções do progresso não imagens utópicas, mas a revolução proletária e o ideal de uma utopia libertária. Ao contrário do que pensavam os marxistas vulgares, o processo revolucionário não virá como o produto final e automático do desenvolvimento das forças produtivas, isto é, do progresso da história. Primeiro porque o progresso técnico-científico se mostrou intimamente imbricado com a barbárie e nada leva a crer em seus fins emancipatórios. E depois porque nenhuma mudança decorre do curso da história sem a intervenção da ação humana.

A revolução não pode ser, portanto, uma aceleração do processo histórico – como pensava o próprio Marx, mesmo que sem pressupor uma visão mecanicista da história – que pode nos levar à destruição, mas um freio de emergência que interrompe o curso da história. A revolução rompe com todo fio de continui-

dade que nos liga à civilização capitalista, sob pena de permanecer presa a ela. Mas essa compreensão do processo revolucionário altera igualmente o tipo de saída que se propõe do capitalismo. Para Benjamin, trata-se de suspender o rumo da história e de buscar inspiração no passado para redirecionar o futuro da história. Aqui ele se encontra com o ideal romântico revolucionário de uma sociedade igualitária, sem classes nem Estado e em harmonia com a natureza.

A pergunta natural que fica ao término da leitura é justamente a respeito da atualidade da ideia de revolução como freio de emergência. O historiador italiano Enzo Traverso, discípulo declarado de Michael Löwy, afirmava que as revoluções “sempre foram usinas de utopia”, mas que o fracasso das revoluções no século XX significou um fardo que paralisou toda “imaginação utópica” das revoluções dos últimos 30 anos, como as revoluções de veludo na Europa central que seguiram à queda do Muro de Berlim ou as revoluções árabes de 2011 (Traverso 2020: 33/34).¹ Estas rejeitavam o modelo do passado, mas foram incapazes de oferecer um modelo alternativo de organização política capaz de enfrentar o sistema que combatiam. Esse fracasso não seria o decreto de morte da própria ideia de revolução?

Michael Löwy não deixa essa última questão sem resposta. No último capítulo, apresenta a catástrofe atual sob a forma de uma crise ecológica sem precedentes, provocada pelas alterações climáticas, com consequências dramáticas sobre a alta da temperatura do planeta, a desertificação de florestas e o desapareci-

1 TRAVERSO, Enzo, *Melancolia de esquerda. Marxismo, história e memória*. Editora Âyinê. MG: Belo Horizonte, 2020.

mento de cidades litorâneas. As ruínas continuam se acumulando sob o efeito do progresso científico e tecnológico, agora no domínio da natureza. Mais uma vez é preciso retirar forças do desespero para reagir. Ainda que pareça impossível deter o carro desgovernado do capitalismo, é preciso encontrar a mesma “frágil força messiânica” que segundo as *Teses* cabe a cada geração. Contudo, conforme conclui nosso autor, a esperança messiânica hoje não está depositada mais na revolução proletária, mas nos movimentos sociais, como os movimentos ecológicos anticapitalistas que lutam pela preservação dos recursos naturais e da própria natureza como um bem comum da humanidade.

Recebido em 15/06/2021

Publicado em 10/09/2021